

REFLEXÃO SOBRE TEMAS E QUESTÕES EM ÁREAS AFINS À FILOSOFIA 2

MARCELO MÁXIMO PURIFICAÇÃO
ELISÂNGELA MAURA CATARINO
VANESSA ALVES PEREIRA
(ORGANIZADORES)



Atena
Editora
Ano 2021

REFLEXÃO SOBRE TEMAS E QUESTÕES EM ÁREAS AFINS À FILOSOFIA 2

MARCELO MÁXIMO PURIFICAÇÃO
ELISÂNGELA MAURA CATARINO
VANESSA ALVES PEREIRA
(ORGANIZADORES)



Atena
Editora
Ano 2021

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremonesi

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Instituto Internazionele delle Figlie di Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido

Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília

Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina

Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília

Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina

Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra

Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras

Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria

Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia

Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco

Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará

Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí

Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas

Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará

Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá

Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados

Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino

Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora

Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná

Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobbon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais
Prof. Me. Alessandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar

Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Fabiano Eloy Atílio Batista – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Alborno – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFGA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis

Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Maria Alice Pinheiro
Correção: Mariane Aparecida Freitas
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadores: Marcelo Máximo Purificação
 Elisângela Maura Catarino
 Vanessa Alves Pereira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)	
R332	Reflexão sobre temas e questões em áreas afins à filosofia 2 / Organizadores Marcelo Máximo Purificação, Elisângela Maura Catarino, Vanessa Alves Pereira. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.
	Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-65-5706-873-1 DOI 10.22533/at.ed.731211103
	1. Filosofia. 2. Reflexão. I. Purificação, Marcelo Máximo (Organizador). II. Catarino, Elisângela Maura (Organizadora). III. Pereira, Vanessa Alves (Organizadora). IV. Título. CDD 101
Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166	

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

APRESENTAÇÃO

Prezados leitores, saudações.

Caros leitores, trazemos até vocês o livro - Reflexão sobre Temas e Questões em Áreas afins à Filosofia 2. Uma obra multicultural que reúne textos de autores de diferentes regiões e instituições do Brasil, bem como, um trabalho de pesquisadores colombianos. O objetivo do livro é promover o diálogo e a reflexão filosófica, bem como a articulação entre pesquisa e pesquisadores. A leitura filosófica está viva e inclui temas como: ética, razoabilidade, crença religiosa, condição humana, violência e humanidades.

O livro é composto por 15 artigos, tendo no centro as discussões e interface de vários teóricos do campo de filosofia e áreas afins. Dentre eles podemos citar: Max Weber que intensifica o discurso sobre a racionalização do trabalho na sociedade capitalista moderna - Pirre Hadot, que contribuiu para o texto “A filosofia como exercício espiritual” - Pedro Laín Entralgo como dispositivo teórico no texto – “O que é homem? Do ponto de vista antropológico filosófico (...)” -, Hannah Arendt a partir de um discurso pautado na condição humana -, Kant e Rousseau, na perspectiva da educação das crianças, entre outros.

Nos textos desta obra, “a linguagem é versada em metáforas e retórica, e desta forma heterogênea a escrita filosófica é usada de forma consciente ou inconsciente”. A obra é um convite a uma imersão no mundo do conhecimento e da sabedoria, imbuído de “discursos”, “reflexões” e “questões filosóficas”. Diante o exposto, desejamos a todos uma boa leitura.

Marcelo Máximo Purificação
Elisângela Maura Catarino
Vanessa Alves Pereira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

A ÉTICA DE LAO ZI E CONFÚCIO: REFLEXÕES SOBRE O FAZER EM SAÚDE E A NATUROLOGIA

Mirella Guimarães Pedroso

Ana Claudia de Leite-Mor

DOI 10.22533/at.ed.7312111031

CAPÍTULO 2..... 15

A RAZOABILIDADE FILOSÓFICA DA CRENÇA RELIGIOSA NA RESSURREIÇÃO DOS MORTOS

Renato Somberg Pfeffer

DOI 10.22533/at.ed.7312111032

CAPÍTULO 3..... 25

AUGUSTO DOS ANJOS, LEITOR DE SCHOPENHAUER: CONSIDERAÇÕES SOBRE A DOR E O SOFRIMENTO

Anna Paula Fernandes Zanoni

DOI 10.22533/at.ed.7312111033

CAPÍTULO 4..... 38

A RACIONALIZAÇÃO DO TRABALHO NA SOCIEDADE MODERNA CAPITALISTA EM MAX WEBER

Maria Jorge dos Santos Leite

DOI 10.22533/at.ed.7312111034

CAPÍTULO 5..... 48

A FILOSOFIA COMO EXERCÍCIO ESPIRITUAL NO PENSAMENTO DE PIRRE HADOT

Marcelo Gabriel de Freitas Veloso

DOI 10.22533/at.ed.7312111035

CAPÍTULO 6..... 55

BENTHAM E BYUNG-CHUL HAN: DA CASA DE INSPEÇÃO AO PANÓPTICO DIGITAL

Nathan D'Avila Silva

Keberson Bresolin

DOI 10.22533/at.ed.7312111036

CAPÍTULO 7..... 63

LA FILOSOFÍA COMO FORMA DE VIDA EN PERSPECTIVA DE PIERRE HADOT

Adriana Obando Aguirre

DOI 10.22533/at.ed.7312111037

CAPÍTULO 8..... 71

¿QUÉ ES EL HOMBRE? DESDE LA PERSPECTIVA ANTROPOLÓGICA FILOSÓFICA DE PEDRO LAÍN ENTRALGO

Adriana Obando Aguirre

DOI 10.22533/at.ed.7312111038

CAPÍTULO 9	82
FILOSOFIA MOÇAMBICANA: A AFIRMAÇÃO DE SI, COMO FUNDAMENTAL PARA O REFLORESCEM DA FILOSOFIA MOÇAMBICANA	
Nosta da Graça Mandlate	
Tancredo Tercílio Tivane	
DOI 10.22533/at.ed.7312111039	
CAPÍTULO 10	94
O NILISMO E O PROBLEMA DO VALOR	
Roberto Carlos de Andrade Júnior	
Robson Costa Cordeiro	
DOI 10.22533/at.ed.73121110310	
CAPÍTULO 11	104
PENSAR O QUE ESTAMOS FAZENDO: UMA REFLEXÃO POSSÍVEL A PARTIR DE UMA LEITURA DA OBRA <i>A CONDIÇÃO HUMANA</i> DE HANNAH ARENDT	
Thainá dos Santos Matos	
DOI 10.22533/at.ed.73121110311	
CAPÍTULO 12	112
PRINCÍPIOS BÁSICOS PARA A EDUCAÇÃO DA CRIANÇA NA PERSPECTIVA DE KANT E ROUSSEAU	
Joelma Fernanda de Sales Carneiro Dutra	
DOI 10.22533/at.ed.73121110312	
CAPÍTULO 13	133
SIM, LEMOS MENTES DESDE BEBÊS	
Fábio Rodrigo Oliveira Carvalho	
DOI 10.22533/at.ed.73121110313	
CAPÍTULO 14	147
SERIA O MEU TRABALHO DE PERFURADORA CORPORAL, A PRIMEIRA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER?	
Renata Ribeiro Costa Machado	
DOI 10.22533/at.ed.73121110314	
CAPÍTULO 15	150
HUMANIDADES E FILOSOFIA: O PAPEL DA UNIVERSIDADE NA FORMAÇÃO DO SER HUMANO E CRÍTICO	
Jovany Arley Sepúlveda Aguirre	
Luis Fernando Garcés Giraldo	
Conrado Giraldo Zuluaga	
Felipe Jaramillo Vélez	
Juan Esteban Alzate Ortiz	
DOI 10.22533/at.ed.73121110315	

SOBRE OS ORGANIZADORES	161
ÍNDICE REMISSIVO.....	163

CAPÍTULO 3

AUGUSTO DOS ANJOS, LEITOR DE SCHOPENHAUER: CONSIDERAÇÕES SOBRE A DOR E O SOFRIMENTO

Data de aceite: 01/03/2021

Data de submissão: 28/12/2020

Anna Paula Fernandes Zanoni

Universidade Presbiteriana Mackenzie
São Paulo – SP

<http://lattes.cnpq.br/2589800411509484>

RESUMO: Esse texto visa esclarecer conceitos relevantes da filosofia schopenhauriana e revelar na poesia de Augusto dos Anjos as mesmas questões levantadas pelo filósofo. Veremos que Augusto dos Anjos foi capaz de trazer a visão pessimista de Schopenhauer para a arte poética e, de certo modo, usar dessa arte para aliviar os sintomas de uma realidade tão caótica e dolorosa. Em vista disso, objetivamos investigar quais os conceitos comuns às obras de ambos os autores e como eles se apresentam diferencialmente na escrita filosófica e na escrita poética, identificando, especificamente, a questão da dor e do sofrimento inerentes ao mundo e a arte como meio libertador.

PALAVRAS - CHAVE: Schopenhauer; Augusto dos Anjos; sofrimento; arte poética.

AUGUSTO DOS ANJOS, SCHOPENHAUER READER: CONSIDERATIONS ON PAIN AND SUFFERING

ABSTRACT: This text intends to clarify relevant concepts of Schopenhauer's philosophy and reveal through the poetry of Augusto dos Anjos

the same issues raised by the philosopher. Thus, Augusto dos Anjos was able to bring the pessimistic view of Schopenhauer for the poetic art and, in a way, using this art to relieve the symptoms of such chaotic and painful reality. Considering this, we aimed to investigate which concepts are common to the works of both authors and how they are differently presented in philosophical writing and poetic writing, identifying the issue of pain and suffering inherent in the world and the art as a way of relief.

KEYWORDS: Schopenhauer; Augusto dos Anjos; suffering; poetry.

1 | INTRODUÇÃO

Arthur Schopenhauer é considerado um dos grandes filósofos da História, muito conhecido pelas suas considerações sobre a miséria da condição humana. Presente em toda a cultura ocidental, o pessimismo de Schopenhauer mudou a forma de muitos pensadores verem o mundo. Freud, Nietzsche, Kierkegaard e tantos outros. No Brasil, destacam-se Machado de Assis e Augusto dos Anjos, o poeta brasileiro, também alvo de nossa pesquisa.

Augusto de Carvalho Rodrigues dos Anjos nasceu no engenho paraibano de Pau D'arco em 20 de abril de 1884. O ambiente em que cresceu foi marcado pela decadência, doença e luto. Além da morte cedo do pai, a família sofreu com o desmoronamento do setor latifundiário do Nordeste atingido por transformações econômicas, sociais e políticas.

No ambiente universitário do Recife, na Faculdade de Direito, Augusto entra em contato com o espírito cientificista. Ali tomou conhecimento de várias doutrinas derivadas do materialismo e do evolucionismo (Comte, Haeckel, Darwin, Spencer) que marcaram definitivamente sua poesia. Sobre o assunto, Ferreira Gullar, em um estudo crítico, afirma

Lendo Spencer convenceu-se de que a ciência é incapaz de penetrar a essência das coisas – o incognoscível – a realidade absoluta que seria fonte de todo o conhecimento humano, que o evolucionismo não era um fenômeno limitado aos seres vivos mas se estenderia a todo o mundo material e também à sociedade humana. Com Haeckel aprendeu que a monera estava na origem de todos os seres animais. Destas concepções materialistas, atingiu-o sobretudo a noção da morte como fato material, da vida como um processo químico dentro do qual o corpo humano não era mais que uma organização de 'sangue e cal', condenada inapelavelmente ao apodrecimento e à desintegração. A isso veio somar-se a influência de Schopenhauer, com seu idealismo voluntarista que nega o processo histórico, afirma que a essência do mundo é uma vontade cega e apresenta como única perspectiva para o homem, condenado ao sofrimento, o aniquilamento da vontade de viver. Essa filosofia negativa se tornava tanto mais aceitável para Augusto dos Anjos porque apresentava a arte como o caminho para atingir a ideia de Homem Absoluto. (GULLAR, 1978, p. 16)

Tanto o pensamento de Spencer quanto o de Schopenhauer refletem uma reação de setores da sociedade europeia ao avanço da ciência e da técnica. O nordeste de Augusto, ao contrário, não conhecia nem a ciência ou o progresso contra os quais surgiram tais filosofias. No entanto, elas se tornaram, para o poeta, a expressão do desmoronamento do seu mundo pré-industrial.

Alfredo Bosi, especialista em literatura brasileira, escreve a seu respeito:

Trata-se de um poeta poderoso, que deve ser mensurado por um critério estético extremamente aberto que possa reconhecer, além de 'mau gosto' de um vocabulário rebuscado e científico, a dimensão cósmica e a angústia moral de sua poesia. (BOSI, 1966, p.44)

Com "dimensão cósmica", Bosi pretende mostrar que Augusto centrava no ser humano, isto é, todas as energias do universo se encaminham para a construção desse mistério que é o "eu". Não é à toa que o poeta escreveu um livro só: *Eu*, publicado em 1912. Sua leitura evidencia a grande influência recebida pelo paraibano do materialismo evolucionista de Haeckel, absorvendo o conceito de *monera* como princípio da vida, e de que a morte e a vida são um puro fato químico.

Entretanto, não se pode dizer que a cosmovisão de Augusto se resume a isso. Pelo contrário, a postura existencial do poeta é uma angústia profunda e letal, diante da fatalidade que arrasta toda carne para a decomposição da morte. E aqui não se pode negar que a maior influência de Augusto veio da presença de Schopenhauer.

O poeta anuncia a miséria da carne em putrefação a todo o tempo. Para ele, as forças da matéria que pulsam em todos os seres, conduzem ao Nada, por meio de uma

destruição implacável. Ele é o espectador em agonia cujo símbolo é o verme. Ele caminha e ouve, dentro da noite, o apelo das várias criaturas, junto aos seres microscópicos, dos germes, das montanhas, que lhe pedem para falar por eles. O poeta não consegue aceitar o processo interminável da natureza de gerar e destruir o que gerou, essa ‘madrasta’ que esconde o sentido da existência e tudo reduz a “uma teleologia sem princípios” (verso do poema “As cismas do destino”). O trecho final do longo poema “Os Doentes” evidencia esse sentimento

Se a carne individual hoje apodrece,

Amanhã, como Cristo, reaparece

Na universalidade do carbono!

A vida vem do éter que se condensa,

Mas o que mais no Cosmo me entusiasma

É a esfera microscópica do plasma (ANJOS, 1978, p. 90)

Augusto dos Anjos representa um salto na história da poesia e do pensamento nacional. Não é à toa que possui uma obra difícil de classificar em algum movimento artístico específico. Todavia, é de comum acordo entre os estudiosos que Augusto dos Anjos foi influenciado pela obra schopenhauriana, porém não se sabe de fato a extensão disto, isto é, até que ponto os conceitos criados por Schopenhauer nas suas grandes obras “As Dores do Mundo” e “O Mundo como Vontade e Representação” foram incorporados pelo autor do “Eu”.

Aqui reside a justificativa para o presente trabalho, pretendemos criar uma interface entre filosofia e poesia, já que ambas falam das dores e alegrias da existência sob formas diferentes. Deste modo, pretendemos primeiramente esclarecer conceitos relevantes da filosofia schopenhauriana e posteriormente, revelar por meio das poesias de Augusto dos Anjos as mesmas questões levantadas pelo filósofo, o que atesta a influência do primeiro sobre o segundo.

2 | A FILOSOFIA SCHOPENHAUERIANA

É conhecido entre os estudiosos de Schopenhauer que o ponto de partida de sua filosofia é o pensamento kantiano. Schopenhauer entende que o sujeito possui a priori três formas puras de conhecimento, presentes nele desde o nascimento, e que possibilitam tal apreensão do mundo. Essas formas são o tempo, o espaço e a causalidade, espécies de “óculos intelectuais”, que somadas constituem o “princípio de razão”. As coisas conhecidas

por tal princípio de modo algum correspondem à realidade das coisas-em-si mesmas, mas apenas àquilo que aparece a nossa sensibilidade. A representação, portanto, não revela a essência do mundo, e por isso pode ser chamada de ilusória e enganosa.

Apesar de seguir o pensamento de Kant, fica claro que Schopenhauer diverge em importantes pontos do seu mestre. Schopenhauer, por exemplo, conservará das categorias de Kant apenas a causalidade. Além disso, transfere para o entendimento as formas do espaço e do tempo, que em Kant estão presentes na sensibilidade. Quanto aos fenômenos, ou representações, Schopenhauer apoia-se em Kant quase que inteiramente. Há um momento, porém, no qual Schopenhauer separa-se definitiva e explicitamente de Kant e, a partir daí, constrói sua própria filosofia.

Para Kant, a coisa-em-si é inacessível ao conhecimento humano, pois encontra-se além dos limites das nossas estruturas, Schopenhauer, ao contrário, dedicou a maior parte de sua filosofia à própria coisa-em-si, que para ele, é raiz metafísica de toda a realidade, isto é, a Vontade.

3 | O MUNDO COMO VONTADE

Para Schopenhauer, o mundo da representação é como a caverna de Platão, cheia de enganos, onde frequentemente nos iludimos acreditando enxergar a verdade das coisas. O homem guiado pelo princípio de razão é semelhante aos prisioneiros da caverna, com sua visão turva não vê a essência das coisas, mas apenas sombras. Apesar disso, uma necessidade metafísica incontrolável leva continuamente o ser humano a esforçar-se por obter respostas últimas.

Mesmas reunidas, as ciências não dizem qual é o sentido das aparências. Por estarem sob o princípio de razão, os cientistas só lidam com fenômenos, como já apontava Kant. Eis a questão que Schopenhauer nos propõe: O que fazer se nossa necessidade metafísica continua insatisfeita e permanecemos como os prisioneiros da caverna, e mais que isso, não podemos contar com a segurança da ciência, tão pouco com a extravagância da religião?

Para Schopenhauer, as ciências são louváveis, pois diminuem as dores do mundo. Todavia, do ponto de vista metafísico, são insatisfatórias. A via tradicional, exclusivamente objetiva, sempre nos remete para outros corpos, sem nunca ir além das mesmas relações estabelecidas pelo princípio da razão. Diferentemente, a via corpóreo-subjetiva, pensa Schopenhauer, é a que nos conduzirá ao núcleo dos outros corpos em geral, pois todos possuem como núcleo a Vontade. O corpo, portanto, é visto como a matriz da vontade, a qual é sentida na consciência como núcleo mais íntimo de cada um, a saber, a “objetividade da vontade”, conceito introduzido por Schopenhauer.

O ato da vontade e ação do corpo não são dois estados diferentes, conhecidos objetivamente e vinculados pelo nexa da causalidade; nem se encontram na relação de causa e efeito; mas são uma e mesma coisa, apenas dada de duas maneiras totalmente diferentes, uma vez imediatamente e outra na intuição do entendimento. A ação do corpo nada mais é senão o ato da vontade objetivado, isto é, que apareceu na intuição (...) que se tornou representação. Por conseguinte, o corpo, que no livro precedente chamei objeto imediato, confirme o ponto de vista unilateral (da representação), aqui de outro ponto de vista, é denominado objetividade da vontade. (SCHOPENHAUER, 2005, p. 157)

Para o autor, o homem é um querer essencial, de modo que há uma ligação clara entre o corpo humano, seus movimentos e a vontade. Existe, no interior do corpo, um sentimento não captável pelo princípio de razão, e que fornece a chave para a compreensão da nossa essência, e por analogia, da essência dos demais objetos. É por intermédio do corpo que o homem tem a consciência de que ele é vontade, um “em si”. O corpo é, então, a “visibilidade da vontade”. Em outras palavras, pela subjetividade, pode-se sentir a ação corporal como essencialmente volitiva, e, a seguir concluir por analogia, que o mesmo acontece nos outros corpos. A Vontade apontada como coisa-em-si do mundo encontra-se indivisa em toda parte: na pedra que cai, na atração entre os sexos, na gravitação universal e na natureza em geral.

Mas qual é a origem de tal Vontade? Schopenhauer alega que não se pode responder a essa questão pois ela é feita a partir do ponto de vista do princípio de razão, que supõe para todas as coisas uma razão de ser, mas se a Vontade é independente do princípio de razão, a ela não cabe um porquê, nem uma causa: ela é sem fundamento, sem razão.

Schopenhauer continua a descrever outras características da Vontade. Ele afirma que ela é una, atemporal e livre, entretanto ela continua e cegamente anseia pela vida em toda a parte, em todos os reinos, e manifesta-se na força de crescimento das plantas, na cristalização dos minerais, na atração dos polos. Ela quer tão intensamente sair da sua cegueira inconsciente e adquirir vida que nos deu uma função cerebral que coordena a exterioridade como representação, e assim, a Vontade ganha visão, no homem, de si mesma, isto é, consciência de si. A Vontade, portanto, afirma-se em sua visibilidade pelo intelecto, criador das representações do mundo. O intelecto é servo da Vontade. Ela é o sujeito, e o mundo inteiro seu objeto: seu espelho pelo qual se contempla.

Ainda para o filósofo, a vontade se objetiva de vários modos, ou melhor, em graus diferentes, que vão desde o mais inferior, aquele das forças da natureza inanimada, ao mais elevado, que é o homem, passando pelo reino vegetal e animal. Os diferentes graus correspondem a um progresso, mas é no homem, como vimos, que ela representa a si mesma com mais clareza e perfeição. Essa hierarquia, porém, é estática, todos os graus coexistem desde a eternidade. Mais do que isso, eles disputam no mundo fenomênico a matéria, o espaço e o tempo. Deyve Redyson explica satisfatoriamente o que segue de tal afirmação:

O mundo vegetal serve de alimento para o mundo animal, este, de presa e alimento para outro animal, e, assim, a vontade de vida não cessa de devorar a si mesma. O homem, enfim, considera tudo o que é criado como algo que existe para o seu uso e contribui desse modo para movimentar ainda mais o combate de todos contra todos. (REDYSON, 2009, p 73)

Tendo tais afirmações em mente, apresento um poema escrito por Augusto dos Anjos:

CONTRASTES

A antítese do novo e do obsoleto,
O Amor e a Paz, o Odio e a Carnificina,
O que o homem ama e o que o homem abomina,
Tudo convém para o homem ser completo!

O ângulo obtuso, pois, e o ângulo reto,
Uma feição humana e outra divina
São como a eximenina e a endimenina
Que servem ambas para o mesmo feto!

Eu sei de tudo isto mais do que o Eclesiastes!
Por justaposição destes contrastes,
Junta-se um hemisfério a outro hemisfério,

Às alegrias juntam-se as tristezas,
E o carpinteiro que fabrica as mesas,
Faz também os caixões do cemitério!... (ANJOS, 1978, p.110)

Aqui, pela primeira vez, Augustos dos Anjos demonstra que absorveu a filosofia do pensador alemão. Os versos de “Contrastes” são construídos com o intuito de exteriorizar a conclusão que o poeta chega com suas leituras, até mesmo os exemplos utilizados por Augusto são apresentados pelo filósofo.

Segue-se, para Schopenhauer, que a dor e a destruição fazem parte da ordem das coisas, tudo decretado pelo mundo da vontade, totalmente indiferente aos homens. Além disso, a vida humana é dominada por egoísmos, a satisfação de um indivíduo necessariamente acarreta o sofrimento de outro.

O egoísmo e a ingratidão são atitudes naturais de um ser em relação ao outro. A razão disso está no seguinte raciocínio: só um corpo é habitado pela vontade, capaz de

desejo e frustração, suscetível de prazer e dor, os outros, podem ser usados como meios para satisfazer determinados fins. O que resulta, para a natureza como um todo, fora ou dentro da sociedade, ser, essencialmente, o homem é o lobo do homem.

Aqui cabe mais um poema de Augusto dos Anjos, Versos Íntimos, claramente baseado em tais constatações.

4 | IDEIA

Após estabelecer o conceito de Vontade, Schopenhauer investiga sua atuação antes de atingir sua forma superior de manifestação, precisamente, a humana. A conclusão, e aqui ele renderá tributo a Platão, é a de que a coisa-em-si, antes de se pluralizar mediante o princípio de razão em inumeráveis aparências, se objetiva, torna-se objeto, imagem, por meio de “atos originários” que remontam a um universo atemporal. Tais atos são representações, porém independentes do princípio de razão: são as Ideias platônicas.

Compreende-se a existência dos minerais, plantas, animais e homens sobre a face da Terra a partir da Objetivação da Vontade em diversos graus ideacionais eternos, a cada um correspondendo uma espécie natural. Os diversos gatos da realidade só existem enquanto reflexo distorcido de uma Ideia de gato inalterável, instituída pela Vontade em um mundo imemorial. Todos os gatos do mundo não passam da pluralização de uma única e mesma ideia de gato. Os gatos podem até desaparecer da face da terra, mas a sua Ideia não. A humanidade mesma é uma Ideia eterna, inalterável, embora seus fenômenos, os muitos indivíduos, são passageiros. Nas palavras de Schopenhauer:

(...) os diferentes graus de objetivação da Vontade expressos em inumeráveis indivíduos e que existem como seus protótipos inalcançáveis, ou formas eternas das coisas, que nunca aparecem no tempo e no espaço, médium do indivíduo, mas existem fixamente, não submetidos a mudança alguma, são e nunca vindo-a-ser, enquanto as coisas nascem e perecem, sempre vêm-a-ser e nunca são; os graus de objetivação da Vontade, ia dizer, não são outra coisa senão as Idéias de Platão. (SCHOPENHAUER, 2005, p. 191)

Pelas Ideias, a coisa-em-si una e indivisível se tornou imagem, objetivou-se num mundo imemorial, e hoje em dia se torna fenômeno no mundo real: é o processo de manifestação da Vontade. Ela não é causa das Ideias, mas se “manifesta” nelas, as quais, por sua vez, pluralizam-se em fenômenos.

Na hierarquia natural, desde a força natural até o homem, a manifestação do caráter inteligível (Ideias) em empírico (fenômenos) não se faz pacificamente. As Ideias, antes de entrarem no mundo, só o fazem devido às ocasiões que a causalidade lhe proporciona. A quantidade de matéria é constante, assim, detecta-se no mundo fenomênico uma luta infundável pela sua posse. Caso se trate de Ideias superiores, estas aparecem na natureza após tomar certa quantidade de matéria de outras inferiores, que também queriam aparecer.

Barboza explica tal relação:

É a chamada 'assimilação por dominação'. Por isso, todo organismo é, ao mesmo tempo, inorgânico: ele guarda em si ideias inferiores dominadas e assimiladas. Por exemplo, o homem faz parte da humanidade, mas também é animal e partícipe do reino inorgânico. O homem é pensamento e matéria dos ossos, é vida e morte anunciada. (BARBOZA, 1997, p. 54)

Impossível não admitir a semelhança desse tópico no pensamento de Schopenhauer com os versos de Augusto, como no poema a seguir:

PSICOLOGIA DE UM VENCIDO

Eu, filho do carbono e do amoníaco,
Monstro de escuridão e rutilância,
Sofro, desde a epigênese da infância,
A influência má dos signos do zodíaco.

Profundissimamente hipocondríaco,
Este ambiente me causa repugnância...
Sobe-me à boca uma ânsia análoga à ânsia
Que escapa da boca de um cardíaco.

Já o verme – este operário das ruínas –
Que o sangue podre das carnificinas
Come, e à vida em geral declara guerra,

Anda a espreitar meus olhos para roê-los,
E há de deixar-me apenas os cabelos,
Na frialdade inorgânica da terra! (ANJOS, 1978, p. 71)

Em verdade, analisando cuidadosamente o poema acima veremos alguns pontos que chamam a atenção. “Eu, filho do carbono e do amoníaco”, o poema começa introduzindo seu primeiro personagem, o EU, as duas primeiras estrofes serão um desdobramento deste personagem. Em primeiro lugar, notamos a presença do vocabulário científico. O carbono é um elemento químico que forma compostos orgânicos presentes em todos os vegetais e animais, ou seja, o carbono é uma das bases da vida. Ser “filho do carbono” nada mais é do que ser filho da matéria.

“Monstro de escuridão e rutilância”. É interessante notar que Augusto escolhe a

palavra MONSTRO para descrever o Eu. Essa é uma característica da poesia de Augusto que se diferencia parcialmente do pensamento de Schopenhauer, como discutiremos mais adiante. Por hora devemos atentar à antítese escuridão/rutilância (brilho) que para nossos dois autores, são uma parte natural do homem. “Sofro, desde a epigênese da infância; A influência má dos signos do zodíaco”. A característica maior desse Eu é que ele SOFRE, e sofre sempre, desde o começo. Mais do que isso essa dor chega a níveis cosmológicos, é universal.

“Profundissimamente hipocondríaco; Este ambiente me causa repugnância; Sobeme à boca uma ânsia análoga à ânsia; Que sobe a boca de um cardíaco”. Mais uma incursão de Augusto na fisiologia, ele se utiliza desta informação para caracterizar o ambiente de dor e sofrimento que o rodeia.

Depois de descrever o primeiro personagem do poema (EU, filho do carbono, monstro, sofredor, e vive num ambiente de total sofrimento que lhe causa repugnância), Augusto passará para o segundo personagem. “Já o verme - Este operário das ruínas”. O personagem, que fará oposição ao primeiro, é o antagonista, chamado de operário, isto é, alguém que realiza uma determinada obra, que opera. “Que o sangue podre das carnificinas; Come, e à vida em geral declara guerra”. A ação do adversário do Eu é comer e declarar guerra à vida, cuja base é o carbono, lembrando que o Eu é seu filho. “Anda a espreitar meus olhos para roê-los; E há de deixar-me apenas os cabelos; Na frialdade inorgânica da terra”. Esse é o desdobramento do conflito EU x Verme. No final, o verme ganhará, mas não por muito tempo, pois que aquele verme ainda será assimilado por uma futura composição orgânica.

A presença das Ideias inferiores e do inorgânico no homem é tão clara para Augusto, principalmente tendo em mente a influência da biologia em seu pensamento, que o poeta em toda a sua obra não se cansa de utilizar expressões como “filho do carbono”, que explicita essa relação de possuímos em nós substâncias inorgânicas que antes formaram diferentes matérias e que após nossa morte continuaram a formar tantas outras.

Cada organismo trava uma luta interior contra as forças inorgânicas, assimiladas anteriormente e desejosas de retornarem ao palco dos acontecimentos. Depois de contínua luta, as forças naturais vencem, e seu triunfo significa a recuperação da matéria anteriormente perdida. Tais argumentos de Schopenhauer, sem dúvida, influenciaram imensamente Augusto, mais do que isso, provavelmente foram divisores de águas na vida do poeta, pois, na maior parte de seus poemas, há versos que, de alguma forma, remetem a dor e sofrimento presentes no mundo causados pela luta da objetivação fenomênica das ideias.

5 | O SOFRIMENTO E A CONTEMPLAÇÃO DA IDEIA

A vida no interior do tempo é sofrimento, porque o tempo é o pai das ilusões. Nada mais causava tanto desespero e angústia em nossos autores. Schopenhauer em *As Dores do Mundo* afirma:

Não há nada fixo na vida fugitiva: nem dor infinita, nem alegria eterna, nem impressão permanente, nem entusiasmo duradouro, nem resolução elevada que possa durar toda a vida! Tudo se dissolve na torrente dos anos. Os minutos, os inumeráveis átomos de pequenas coisas, fragmentos de cada uma das nossas ações, são os vermes roedores que devastam tudo o que é grande e ousado... Nada se toma a sério na vida humana; o pó não vale esse trabalho. (SCHOPENHAUER, 2014, p.32)

Augusto dos Anjos também sofria com essa falta de sentido, praticamente todas as suas poesias exteriorizam uma dor existencial muito grande por meio de suas palavras mórbidas e duras sobre a vida humana.

O filósofo afirma que para cada desejo satisfeito, existem contra ele pelo menos dez que não o são. E quando nos limitamos a seguir o conhecimento orientado pelo princípio de razão, igualamo-nos aos prisioneiros da caverna platônica que só enxergavam aparências.

Mas há um momento privilegiado, iluminado e redentor, em que consideramos a essência das coisas, deixando de lado o sofrer. É o momento da contemplação estética da Ideia, do belo. Se a Vontade se afirma na natureza por manifestações fenomênicas e ilusórias, eis a possibilidade de instalação, na consciência, de uma outra visão, outra perspectiva, isto é, de vivenciarmos outro estado diferente do cotidiano. Nele, as aparências deixam de enganar, os desejos, de provocar sofrimento, e podemos então captar a verdade. Entramos no estado estético, de contemplação da Ideia, quando ocorre a negação da Vontade, em vez de sua afirmação.

O poeta, de certo modo, aprende com Schopenhauer que, se por um lado, a vida humana vista individualmente é dolorida e sem sentido, por outro, quando o sujeito suprime a individualidade e contempla o belo, por breves momentos, é capaz de tranquilizar o seu sofrimento. No seu último grande escrito, *Parerga e Paralipomena*, o filósofo nos adverte:

Assim, cada homem pode ser considerado a partir de dois pontos de vista opostos; de um, ele é um indivíduo, que principia e finda no tempo, transitório e fugaz, fortemente atado a erros e dores; de outro, ele é a essência originária indestrutível, a objetivar-se em toda existência. (SCHOPENHAUER, 2000, p. 278, tradução livre)

Toda contemplação genuína da beleza, da Ideia, significa para Schopenhauer a negação da Vontade, logo, dos desejos insatisfeitos, e dos sofrimentos acoplados a eles: o sujeito empírico se transforma em “puro sujeito do conhecimento destituído de vontade”. Esse novo sujeito é alegre por ter acesso ao íntimo cósmico e usufrui de satisfação metafísica. Augusto expressa a negação da Vontade ocasionada pela contemplação da

“Ideia Soberana” no seguinte poema:

O MEU NIRVANA

No alheamento da obscura forma humana,
De que, pensando, me desencarcerero,
Foi que eu, num grito de emoção, sincero
Encontrei, afinal, o meu Nirvana!

Nessa manumissão schopenhauereana,
Onde a Vida do humano aspecto fero
Se desarraiga, eu, feito força, impero
Na imanência da Idéia Soberana!

Destruída a sensação que oriunda fora
Do tato – ínfima antena aferidora
Destas tegumentárias mãos plebéias –

Gozo o prazer, que os anos não carcomem,
De haver trocado a minha forma de homem
Pela imortalidade das Idéias! (ANJOS, 1978, p. 157)

O que possibilita o estado estético é uma “ocasião externa” ou uma “disposição interna”. Quando menos esperamos, somos surpreendidos e eis a beleza! Vendo a si mesma no espelho das representações independentes do princípio de razão, a Vontade, originalmente cega, adquire um “claro olho cósmico”. Schopenhauer, depois de mostrar o estado existencial com seus erros, com o conflito dos seres pela posse de matéria, visando à afirmação da Vontade de vida na pluralidade fenomênica, agora mostra essa mesma Vontade, mediante a Ideia, contemplando calmamente a si mesma e se negando.

6 | A ARTE

É certo que não se permanece por muito tempo no estado de contemplação da beleza, porém, por meio da arte, é possível refigurar esse momento na temporalidade fenomênica. A Ideia uma vez contemplada pode depois, via faculdade genial, se exposta artisticamente. O gênio é a faculdade de intuir a Ideias. Todos a possuem em maior ou menor grau. Ao ser ativada, ela nos torna puros sujeitos do conhecimento destituídos de vontade. Se o conhecer comum é orientado pelo princípio de razão e conduz a satisfação

individual de desejos, o conhecimento genial, independe desse princípio e conduz ao estado estético.

Schopenhauer na sua *Metafísica do Belo* cuida desse tema com muito cuidado e faz uma descrição detalhada de um tipo de hierarquia das artes: a base da pirâmide hierárquica é a arquitetura, seguida pela jardinagem, escultura e pintura de animais, e depois pela escultura e pintura humanas. A poesia vem no topo da pirâmide e, obviamente, nos concentraremos nela.

O filósofo alemão afirma que a poesia é isenta da estaticidade presente nas outras artes, o que a coloca em posição superior. Ela tem por tema a Ideia de humanidade, o poeta trabalha as palavras, os conceitos. Conceitos esses que não se aparentam aos cientistas, matemáticos, lógicos; na verdade ele os trata apenas como material para expor dinamicamente a Ideia de humanidade.

Por isso, para Schopenhauer, poeta e filósofo são almas afins. A autêntica poesia participa da filosofia e a autêntica filosofia participa da poesia. A filosofia deve ser artística, poética, e a poesia deve ser filosófica. Ambas possuem uma visão global da vida. Nada é mais importante na poesia do que tratar com suprema desenvoltura da própria discórdia originária da Vontade consigo mesma. E isso Augusto dos Anjos faz muito bem.

7 | CONCLUSÃO

O presente trabalho procurou desenvolver algumas interfaces entre filosofia e poesia, trazendo à luz poesias selecionadas de Augusto dos Anjos que tratam de temas filosóficos, em especial, as que revelam conceitos do pensamento de Schopenhauer. Nosso objetivo, foi o de elucidar traços subjacentes de filosofia nas poesias do referido autor, pois compreendemos que, filosofia e poesia pretendem traduzir o Ser, mas sob linguagens diferentes. Nesse sentido, Schopenhauer e Augusto dos Anjos se aproximam na medida em que dividem uma mesma visão de mundo e falam dos mesmos aspectos, tratados ao longo desse trabalho, a saber: o mundo como Vontade, a luta da objetivação fenomênica das ideias, a Vontade Cósmica, o sofrimento e a arte libertadora. Em todos esses tópicos foi possível traçar uma conexão clara entre a filosofia de Schopenhauer e a poesia de Augusto.

Todos os compêndios nos ensinam que Schopenhauer foi em primeiro lugar o filósofo da vontade e, em segundo lugar, o do pessimismo. Mas, as duas coisas não são mais que uma: ele foi necessariamente pessimista, porque era o filósofo e o psicólogo da vontade. A vontade é em si mesma uma infelicidade fundamental: é insatisfação, esforço em vista de algo, inteligência, sede ardente, cobiça, desejo, sofrimento, e um mundo da vontade outra coisa não pode ser senão o mundo do sofrimento.

E desse mundo Augusto dos Anjos conhecia bem. Sua poesia evoca o sofrimento do mundo, a lamentável angústia e a fúria de viver das múltiplas encarnações do

querer. A leitura e reflexão sobre os dois autores indicam uma linha de pensamento clara: Miséria, aflição, preocupação de conservar a vida, primeiro; depois, quando estas foram penosamente banidas, instinto sexual, dor de amar, ciúme, inveja, ódio, angústia, ambição, avareza, cupidez, doença e assim, inesgotavelmente, todos os males oriundos da contradição interna da vontade.

REFERÊNCIAS

ANJOS, Augusto dos. **Toda a poesia**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

BARBOZA, Jair. **Schopenhauer: a decifração do enigma do mundo**. São Paulo: Moderna, 1997.

BOSI, Alfredo. **A Literatura Brasileira Vol.V: O pré-modernismo**. São Paulo: Editora Cultrix, 1966.

GULLAR, Ferreira. **Prefácio**. In: ANJOS, Augusto dos. **Toda a poesia**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

KANT, Immanuel. **Crítica da Razão Pura**. 5. ed. Lisboa: Fundação Calouse Gulbenkian, 2001.

REDYSON, Deyve. **Dossiê Schopenhauer**. São Paulo: Universo dos Livros, 2009.

SCHOPENHAUER, Arthur. **O mundo como vontade e como representação**. Trad. Jair Barboza. São Paulo: Ed. Unesp, 2005, v.1.

_____. **As dores do mundo**. São Paulo: EDIPRO, 2014.

_____. **Metafísica do belo**. Trad. Jair Barboza. São Paulo: Ed. Unesp, 2003.

_____. **Parerga and paralipomena: short philosophical essays**. New York: Oxford University Press, 2000.

WILHELM, Richard. / **Ching**. São Paulo: Editora Pensamento, 1995.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Ação 5, 10, 12, 29, 33, 40, 49, 51, 52, 53, 54, 58, 88, 104, 105, 107, 108, 109, 110, 111, 118, 123, 125, 126, 128, 137, 139, 140

Agnosticismo 19

Arte Poética 25

C

Capitalismo Moderno 38, 39, 43, 44, 45, 46

Confúcio 6, 1, 2, 3, 4, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12

E

Epistemicídio 82, 92

Ética Profissional 1, 13, 147

Exercício Espiritual 5, 6, 48, 49, 50, 51, 52, 54

F

Filosofia 2, 5, 6, 7, 2, 3, 5, 6, 9, 13, 16, 17, 23, 25, 26, 27, 28, 30, 36, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 63, 71, 82, 83, 84, 89, 90, 92, 93, 109, 114, 130, 131, 133, 135, 150, 161, 162

Filosofia Africana 82, 83, 84

H

Humanidades 5, 7, 93, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 157, 158, 159, 160

I

Informação 33, 55, 59, 60, 61, 139

L

Leitura da mente 134, 136, 137, 139, 141

N

Naturopatia 6, 1, 3, 10, 11, 12, 13, 14

Nihilismo 7, 19, 21, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102

P

Panóptico 6, 55, 56, 57, 58, 60, 61, 62

Perfuração de lóbulos 147

Política 7, 9, 39, 40, 47, 77, 104, 107, 108, 109, 110, 111, 127, 155

Psicanálise 133, 134, 141, 142, 143, 145, 146, 149

R

Racionalidade 16, 20, 38, 39, 40, 44, 46, 57, 58, 123, 124, 131, 143

Razoabilidade 5, 6, 15, 16

Responsabilidade 7, 9, 57, 104, 105, 107, 113, 127, 149

Ressurreição dos mortos 6, 15, 16, 22

S

Sentido de vida 63, 71, 80

Sufrimento 6, 18, 20, 21, 22, 25, 26, 30, 33, 34, 36, 88

V

Vigilância 55, 56, 57, 58, 60, 61

Vontade de Poder 94, 95, 96, 97, 98, 101, 102, 103

REFLEXÃO SOBRE TEMAS E QUESTÕES EM ÁREAS AFINS À FILOSOFIA 2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

REFLEXÃO SOBRE TEMAS E QUESTÕES EM ÁREAS AFINS À FILOSOFIA 2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 